

SYLVAIN
NEUVEL

DEUSES
RENASCIDOS

LIVRO 2 DOS ARQUIVOS TÊMIS

TRADUÇÃO MATEUS DUQUE ERTHAL



Copyright © 2017 by Sylvain Neuvel

Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Waking Gods

Capa

Lee Gibbons

Fotos de capa

Gruizza/ Getty Images

Shutterstock

Lee Gibbons

Preparação

Gustavo de Azambuja Feix

Revisão

Luciane Gomide

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neuvel, Sylvain

Deuses renascidos: Livro 2 dos arquivos Têmis /
Sylvain Neuvel; tradução Mateus Duque Erthal. – 1ª
ed. – Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2017.

Título original: Waking Gods.

ISBN 978-85-5651-041-9

1. Ficção científica 2. Ficção norte-americana

1. Título.

17-05282

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

Para Barbara e Han Solo.
Veja bem, Bara, você é meu porto seguro,
é tudo para mim, mas o Han morreu!
Você não se importa em dividir isso com ele, se importa?

PRÓLOGO

DIÁRIO DE EVA REYES

Melissa tirou sarro da minha cara hoje na escola. Ela só pensa em garotos agora. Enzo e os amigos dele começaram a me chamar de “Evita Loca” de novo, e ela entrou na brincadeira e disse: “Olha lá, a Eva Doida está quase chorando!”. Eu odeio ela.

Melissa era a última amiga que eu tinha. Angie foi estudar na Baldwin e a gente quase não se fala mais. Já Essie se mudou pra Bayamón, em Porto Rico. Elas eram as únicas que eu encontrava fora da escola. Minha mãe vive dizendo que eu deveria sair mais, mas não tenho ninguém para brincar. A gente costumava procurar umas pedras perto do rio Piedras. Essie adora pedras, principalmente as azuis, que se não me engano se chamam cianitas. Um dia desses, fui até o rio sozinha mesmo e encontrei várias delas. Falei para Essie que levaria algumas das pedras quando eu fosse até a casa dela, mas não sei quando minha mãe vai deixar. Ela diz que eu preciso melhorar primeiro.

Tenho outra consulta com o psiquiatra hoje à noite. Ele acha que eu sou maluca... Todo mundo acha isso. As pessoas vivem me dizendo que

é normal ter pesadelos. Mas eu sei que não são só pesadelos. Agora passei também a sonhar acordada. Hoje na escola vi tudo de novo e comecei a gritar. Tenho esse mesmo pesadelo há meses. Todo mundo está morto. Todo mundo... Milhares de mortos nas ruas, corpos espalhados pela cidade inteira. Eu vejo meus pais dentro de casa, deitados no meio de uma poça de sangue. Essa parte eu ainda não contei a eles. Hoje tinha uma coisa diferente no sonho. Eu vi um robô, parecido com a Têmis: uma mulher de metal caindo nas nuvens.

PARTE 1

PARENTES E AMIGOS

ARQUIVO Nº 1398

COBERTURA JORNALÍSTICA — JACOB LAWSON, REPÓRTER, *BBC LONDRES*

Local: Regent's Park, Londres, Inglaterra

Uma figura metálica da altura de um prédio de vinte andares surgiu esta manhã no meio do Regent's Park, em Londres. Funcionários do zoológico foram os primeiros a notar o gigante, por volta das quatro da manhã. A figura, um robô, está de pé no centro de um dos campos de futebol do Hub, local destinado a práticas esportivas na parte norte do parque. Ele lembra muito, tanto em tamanho quanto em formato, o robô da ONU que agora conhecemos como Têmis. No entanto, o novo gigante parece ser do sexo masculino, ou pelo menos foi construído à imagem e semelhança de um homem, digamos assim. É bem mais musculoso que a titã da ONU, que esteve exposta em Londres há menos de um ano, e talvez seja mais alto. A cor também é diferente: o cinza do corpo metálico é um pouco mais claro que o de Têmis, e as luzes dos entalhes são amarelo-claras, como estrias, diferentes das veias turquesa de Têmis.

De acordo com testemunhas, o robô surgiu do nada, bem no meio do parque. “Ele não estava lá e, num piscar de olhos, apareceu”, comentou um dos funcionários do zoológico. Por sorte, no momento não havia ninguém

nos campos de futebol e não existem relatos de vítimas. Naturalmente, as intenções por trás do surgimento do gigante ainda são desconhecidas. Além disso, ninguém sabe de onde veio o robô ou quem enviou o ilustre visitante até aqui. Se esse veículo for realmente semelhante a Têmis e for controlado da mesma maneira, é possível que haja pilotos a bordo. Nesse caso, de onde teriam vindo? Da Rússia, do Japão, da China? Ou serão de um lugar completamente diferente? Por enquanto, tudo o que nos resta é especular. Existe até a possibilidade de que não haja ninguém no interior da enorme estrutura. Nas últimas quatro horas, o robô não fez nada além de ficar no mesmo local, de pé, completamente imóvel.

O Corpo de Defesa da Terra (CDT) ainda não se pronunciou oficialmente a respeito do fato. A dra. Rose Franklin, chefe da divisão científica da organização, se encontra neste momento em Genebra, onde fará um discurso no final da manhã. Ela preferiu não levantar hipóteses a respeito da origem desse segundo robô, mas garantiu que não se trata de uma manobra do sistema de defesa planetário da ONU. Se isso for verdade, restam duas possibilidades: ou um segundo robô alienígena foi descoberto na Terra, depois de ter sido mantido em segredo da população, ou o novo gigante veio de algum lugar fora do planeta. Em Nova York, o CDT já marcou uma entrevista coletiva para as três da tarde de hoje, horário de Londres.

Criado pela ONU há nove anos, logo após a descoberta do robô Têmis pelos Estados Unidos, o Corpo de Defesa da Terra se dedica a desenvolver novas tecnologias a partir do artefato alienígena, visando não só ao bem de toda a humanidade, mas também à proteção do planeta contra qualquer ameaça extraterrestre. Só o tempo dirá se os acontecimentos de hoje representam de fato algum perigo.

Também não houve qualquer comunicado por parte do Gabinete Real. Ainda que o rei não tenha se pronunciado sobre o assunto, fontes indicam que o primeiro-ministro em breve falará à nação. A oposição, no entanto, decidiu não fazer o povo britânico esperar tanto: a bancada agiu depressa e emitiu um comunicado oficial ainda na manhã de hoje, exigindo um pronunciamento do primeiro-ministro e garantias de que a situação está sob controle. Amanda Webb, ex-secretária de Relações Exteriores e líder da oposição, tomou a dianteira há cerca de uma hora: “Há um artefato alienígena potencialmente devastador parado no meio de Londres e tudo o

que o primeiro-ministro fez até agora foi limitar o acesso a um dos parques municipais. Será que ele pode garantir a segurança dos treze milhões de habitantes da região metropolitana de Londres? Se pode, ele no mínimo deve explicações ao povo britânico. Se não pode, eu sou a primeira a querer saber por que ainda não estamos conversando sobre um plano de evacuação da cidade”. A sra. Webb foi além, sugerindo que o centro de Londres deveria ser evacuado primeiro, algo que, de acordo com seus cálculos, poderia ser feito de maneira ordenada em menos de 48 horas.

Porém, os londrinos não parecem estar com muita pressa de deixar a cidade. Tão surpreendente quanto o surgimento do robô talvez seja a total indiferença com que a população vem lidando com o fato. Como é possível enxergar o gigantesco artefato da maior parte da cidade, era de se esperar tumultos entre os civis ou até uma debandada significativa dos moradores. No entanto, a maioria dos londrinos simplesmente seguiu cuidando da própria vida, e muitos até se dirigiram ao parque para dar uma olhada de perto no titã. A polícia limitou o acesso à área entre a Prince Albert Road, ao norte, e a A501, ao sul, e entre a A41 e a Albany Street, mas alguns curiosos conseguiram entrar no parque sem chamar a atenção das autoridades. A força policial ainda precisou evacuar uma família que fazia um piquenique a apenas alguns passos de distância dos enormes pés de metal do invasor.

É natural que os habitantes da cidade não vejam como ameaça uma criatura tão parecida com a velha conhecida Têmis, sobretudo depois de ouvirem que uma raça alienígena a deixou na Terra para a proteção de nosso planeta. Vale lembrar que imagens do rosto de metal e das pernas ao contrário de Têmis foram vistas praticamente todos os dias nos canais de televisão britânicos, dominando ainda as manchetes de todos os tabloides por quase uma década. Em cada esquina há lojas que vendem camisetas com estampas do robô, e todo londrino cresceu brincando com os bonequinhos de Têmis, que é uma celebridade. Sua exposição em outro dos parques reais de Londres há um ano mais parecia um show de rock do que o primeiro contato com uma estrutura vinda de outro planeta.

Este é um momento decisivo na ainda breve vida do CDT. Fruto de uma coalizão extremamente frágil, a organização de defesa já foi acusada por seus opositores de não passar de “mera fachada de relações públicas”.

Muitos argumentam que o planeta jamais poderia ser defendido contra invasores extraterrestres por um único robô, por mais poderoso que seja. Acrescentar mais um desses artefatos a seu arsenal, ou até mesmo firmar uma aliança com alguma raça alienígena, poderia ajudar o CDT a silenciar alguns desses críticos.

ARQUIVO Nº 1399

ENTRADA DE DIÁRIO — DRA. ROSE FRANKLIN, CHEFE DA DIVISÃO CIENTÍFICA, CORPO DE DEFESA DA TERRA

Eu tinha uma gata. Por alguma razão, ninguém lembra que eu tive uma gata. Consigo imaginar minha gatinha enrolada no chão da cozinha, morrendo de fome, esperando minha volta. Sempre esqueço que Rose Franklin voltou, sim, para casa naquela noite. Esqueço que ela — outra versão de mim — nunca saiu. Fico feliz em pensar que minha gata não morreu de fome, mas ao mesmo tempo eu gostaria que ela tivesse esperado por *mim*, ali perto da porta. Sinto falta da minha gatinha. Meu apartamento parece vazio sem sua pequena presença.

Talvez ela tenha morrido, afinal, embora não fosse tão velha assim. Talvez eu tenha me livrado dela quando o trabalho se tornou pesado demais. Talvez ela não tenha reconhecido a pessoa que entrou em casa naquela noite, tomando meu lugar, e tenha resolvido fugir por isso. Espero que sim. Ela provavelmente ficaria com medo de mim se continuasse por lá. Se existe uma Rose Franklin “de verdade”, com certeza não sou *eu*.

Há treze anos me envolvi em um acidente de trânsito, a caminho do trabalho. Estranhos me tiraram do carro, e acordei à beira da estrada, na Irlanda, quatro anos depois. Eu não tinha envelhecido um dia sequer.

Como isso foi possível? Será que viajei para o futuro? Será que fui... congelada, mantida viva criogenicamente por quatro anos? É bem provável que eu nunca fique sabendo o que realmente aconteceu. Tudo bem, posso viver com isso, até porque o mais difícil de entender nessa história é que eu não sumi de verdade nesses quatro anos. Eu — quer dizer, uma pessoa parecida comigo — estava lá. Rose Franklin foi trabalhar no dia seguinte ao do acidente. Ela fez várias coisas nesses quatro anos. De alguma forma, acabou estudando a mão gigante de metal em que eu caí quando ainda era uma criança. Essa Rose se convenceu de que as outras partes de um corpo gigante estavam espalhadas pelo planeta e desenvolveu um método para achá-las. Antes de morrer, encontrou todas e montou um robô alienígena gigante, chamado de Têmis.

Foram quatro anos bem agitados.

Eu não me lembro de nada disso, é claro. Eu não estava presente. A pessoa que fez todas aquelas coisas, seja lá quem for, morreu. Se eu tenho certeza de uma coisa é de que eu não era *eu*. Rose Franklin tinha vinte e oito anos quando assumiu o comando da equipe de pesquisa encarregada de estudar a mão gigante. Ela morreu aos trinta. Um ano depois, eles me encontraram. Eu estava com vinte e sete.

Têmis foi parar nas Nações Unidas. A ONU criou uma divisão de defesa planetária, o CDT, e o robô se tornou seu principal ativo. Eu também não estava presente quando isso aconteceu. Uma das minhas versões tinha morrido. A outra ainda não tinha sido encontrada. Fui colocada no comando da equipe de pesquisa do CDT um mês depois de reaparecer. Eles deviam gostar bastante da outra Rose, já que eu provavelmente era a pessoa mais desqualificada do mundo para assumir a função. Eu nunca tinha visto a Têmis *na vida*. Até onde me lembro, tinha vislumbrado apenas uma parte dela uma vez, no meu aniversário de onze anos. Aparentemente, eles não se importaram muito com isso. Aliás, eu também não. Eu realmente queria aquele trabalho. Agora, estou no comando há nove anos. Nove anos. Dá para pensar que seria tempo suficiente para entender o que aconteceu comigo. Não foi. Havia uma lacuna de quatro anos na minha vida e eu precisava correr atrás desse tempo perdido. Até que o trabalho e as preocupações do dia a dia ocuparam minha cabeça por um tempo, mas, assim que me acostumei com certa rotina e com essa nova vida, acabei me tornando cada vez mais obcecada com quem — ou com *o quê* — eu sou de verdade.

Se eu fiz mesmo uma viagem no tempo, sei que provavelmente não tenho os conhecimentos necessários para entender a experiência por inteiro. De qualquer forma, não deveria haver duas de mim por aí. Se você apanha um objeto qualquer e move de um ponto A até um ponto B, diz a lógica que esse objeto não poderá mais ser encontrado no ponto A. Será que eu sou um clone? Uma cópia? Posso viver sem saber o que aconteceu comigo, mas preciso saber se eu sou... *eu*. É horrível viver com uma dúvida dessas.

Sei que não me encaixo aqui no momento, que estou... fora de sincronia. Pensando bem, essa já é uma sensação familiar para mim. De tempos em tempos, talvez duas ou três vezes por ano, costumo ter uma dessas crises de ansiedade. Eu geralmente fico exausta, tomo muito café e então... começo a me sentir... nunca soube descrever direito a sensação. Lembra alguém passando as unhas em um quadro-negro. Essas crises normalmente duram um minuto ou dois, mas é como se você estivesse fora de sincronia com o universo inteiro, só um pouquinho, talvez meio segundo ou algo assim. Como nunca consegui explicar ao certo o que sinto nessas ocasiões, não sei se sou a única a ter esse tipo de sentimento. Imagino que não, mas agora venho me sentindo assim vinte e quatro horas por dia, e esse meio segundo fora de sincronia tem se tornado cada vez mais longo.

Eu não tenho amigos nem relacionamentos de verdade. Os poucos que tenho vêm de experiências que eu não vivi. Os que eu tinha e perdi foram desfeitos quando eu não estava presente. Minha mãe continua me ligando noite sim, noite não. Ela ainda não consegue entender por que estávamos sem nos falar por um ano quando eu voltei. Como ela poderia entender? Minha mãe estava ligando para aquela outra pessoa, para alguém que ainda não tinha lidado com a perda do pai. O pai de que todos gostavam. O pai que morreu. Ainda não falei com nenhum dos meus antigos amigos da escola. Eles foram ao meu funeral. Esse é um final tão perfeito para qualquer tipo de relacionamento que resolvi não estragá-lo.

Agora, o mais próximo que tenho de amizade é minha relação com Kara e Vincent, mas, mesmo depois de nove anos, eu me sinto... envergonhada, em certa medida. Sou uma impostora. O carinho que eles sentem por mim é baseado em mentiras. Os dois me contaram tudo o que teoricamente vivemos juntos, e fazemos de conta que as coisas teriam acontecido

da mesma forma se aquela versão de mim mesma estivesse aqui, ainda que as circunstâncias fossem diferentes. Continuamos fingindo que sou aquela outra pessoa, e eles gostam de mim por isso.

Não sei bem o que eu sou, mas sei que não sou... ela. Tento não ser ela. Desesperadamente. Sei que, se eu pudesse simplesmente ser aquela pessoa, tudo ficaria bem. Só que eu não a conheço. Já li cada página das anotações dela mil vezes, e ainda assim não consigo enxergar o mundo da mesma maneira que ela. Até consigo enxergar um pouquinho de mim em alguns trechos daquele diário, mas essas pequenas passagens não são suficientes para me aproximar da outra Rose. Ela era inteligente. Não tenho certeza se hoje eu conseguiria fazer o que ela fez, caso precisasse procurar partes gigantes de um robô. Ela pode ter tido acesso a algum tipo de pesquisa desconhecido para mim, provavelmente algo que tenha sido publicado enquanto eu estava “fora”. Talvez eu não passe de uma cópia defeituosa. Talvez ela apenas fosse mais esperta do que eu.

Ela sem dúvida era mais otimista. Acreditava... não, tinha certeza de que Têmis fora deixada na Terra como um presente para a humanidade, e que nós seríamos capazes de fazer a descoberta com o tempo. Uma espécie de presente deixado por um pai bondoso a uma raça adolescente, que seria encontrado quando essa raça atingisse certa idade. Apesar disso, as partes estavam enterradas nos quatro cantos do planeta, nos lugares mais remotos, até mesmo sob o gelo. Eu até consigo imaginar certa empolgação por uma caça ao tesouro dessas, mas não compreendo por que colocar tantos obstáculos no meio do caminho. Tenho a sensação de que essas coisas estavam escondidas para... Bom, só isso: estavam escondidas e ponto final. Não deveriam ter sido encontradas.

Mais do que isso: não consigo entender por que alguém, por mais avançado que seja, deixaria um robô como este para trás, sendo que nós muito provavelmente não seríamos capazes de fazer uso dele. Alguém com tecnologia suficiente para construir algo assim e ainda viajar anos-luz para trazer a estrutura para a Terra poderia adaptar com facilidade os controles do robô à nossa anatomia. Esses seres com certeza teriam um mecânico a bordo, alguém capaz de consertar o robô ou no mínimo fazer uma gambiarra para resolver o problema. Eles só precisariam de uma versão alienígena qualquer de uma chave de fenda para a inversão dos joelhos e pronto, nós

poderíamos usar os controles. Não acho que eles queriam que nos mutilássemos só para pilotarmos essa coisa.

Sou uma cientista e não tenho como provar nada disso, mas a outra Rose também não tinha provas de sua tese. Sem evidências mais concretas, nem mesmo se eu tentasse simplificar as coisas, aplicando algo como o princípio da navalha de Occam, poderia chegar às conclusões que ela assumiu como verdadeiras.

A ironia de tudo é que eles acabaram elaborando esse programa inteiro de acordo com as minhas conclusões. Se eu tivesse confessado o quanto estou com medo do que podemos encontrar pela frente, jamais teriam me dado a liberdade para fazer o que estou fazendo agora. Só consigo encontrar um pouco de consolo dentro do laboratório e sou grata por isso. Sou grata pela presença e pela companhia diária de Têmis. Eu me identifico com ela. Como eu, ela não é nem faz parte desse mundo. Nós duas estamos deslocadas no tempo e no espaço e, quanto mais aprendo a respeito dela, mais perto eu me sinto de entender o que me aconteceu.

Sei que todo mundo está preocupado comigo. Minha mãe me disse que está rezando por mim, o que ninguém diz quando está tudo bem com a outra pessoa. Eu não quis deixar minha mãe chateada, então só agradeci. Nunca fui uma mulher de muita fé, mas, mesmo se fosse, eu saberia que Deus nenhum estaria vindo para me ajudar. Não há nenhum tipo de salvação no que fiz. Eu deveria estar morta. Eu morri. Imagino que tenha sido trazida de volta por alguma tecnologia bastante avançada, o que também pode ser chamado de feitiçaria. Há bem pouco tempo, a Igreja teria jogado alguém como eu na fogueira.

Posso até acreditar em Deus, mas no momento estou em guerra contra Ele. Sou uma cientista e estou sempre tentando encontrar respostas, uma de cada vez. Logo, não existe muito espaço para Deus nessa busca. Eu finco minha bandeira e sigo avançando com ela, centímetro a centímetro do terreno, tomando aos poucos o reino de Deus. É estranho, mas nunca tinha pensado em nada disso antes. Nunca tinha visto muita contradição entre ciência e religião. Hoje isso é mais claro do que a luz do dia para mim.

Eu cruzei uma linha que nenhum de nós deveria cruzar. Eu morri. E ainda estou aqui. Enganei a morte. Desafiei o poder de Deus.

Eu matei Deus, e agora me sinto vazia por dentro.